

Entrevista

Oded Grajew

Presidente emérito do Instituto Ethos e
coordenador da Rede Nossa São Paulo

“É POSSÍVEL VIVER BEM EM GRANDES CIDADES”

Empresário cria Rede que consegue aprovar Lei na Câmara Municipal onde o prefeito se compromete a fazer um plano de metas e depois prestar contas semestralmente à sociedade

AMELIA GONZALEZ
amelia@oglobo.com.br

Há mais de 30 anos o empresário Oded Grajew vem se especializando na arte de mobilizar pessoas por um mundo melhor. Criou o Programa Nacional de Bases Empresariais (PNBE) quando, no período pós-ditadura militar, entendeu que seus colegas deveriam ter uma postura mais participativa. Mais tarde ajudou a fundar o Instituto Ethos, que, até hoje, é referência em responsabilidade social corporativa, com 1.100 empresas associadas. Há cerca de cinco anos, decidiu juntar a essas iniciativas a luta por cidades sustentáveis. Com cerca de 700 parceiros de peso no setor privado e em ONGs, coordena agora a Rede Nossa São Paulo, que já conseguiu uma emenda à Lei Orgânica de alguns municípios para que o governo eleito seja obrigado a apresentar um plano de metas 90 dias após a posse e dar contas disso à sociedade. Para dar uma ajudinha aos prefeitos criou, sempre com muitos parceiros, o Programa Cidades Sustentáveis, uma espécie de guia para transformar um município em um lugar bom de se viver. Enquanto dava essa entrevista, Oded recebeu um telefonema do candidato líder nas pesquisas de São Paulo, Celso Russomanno (PRB), comprometendo-se a comparecer hoje, na Câmara de São Paulo, à cerimônia de entrega do prêmio de cidadão paulistano a Oded. “Ele não vai porque me adora, mas porque sabe que hoje tenho uma rede e, por causa disso, sou uma força política na cidade”, disse Oded.

Você acha possível que uma megalópole possa ser um bom lugar para se viver?

Claro que sim. Cito Paris como exemplo. Por que não? Ela tem cerca de 11 milhões de habitantes, quase um milhão a menos do que São Paulo. É totalmente descentralizada, cada subprefeitura é uma cidade em si, com tudo o que se precisa: hospital, escola, lazer. Boa parte das pessoas acha tudo o que precisa a pé porque a cidade tem uma mobilidade fantástica.

Estamos bem distante desse ideal. Como chegar lá?

Precisa de mobilização social, tem que ter recursos, ideias e uma base social. Aqui no Brasil as pessoas estão desestimuladas, achando que nada vai acontecer. Quando eu comecei (a criar a Rede Nossa São Paulo), muita gente veio me dizer que era impossível, que ia mexer com muitos interesses, que os prefeitos não iam cumprir. Isso é uma ideologia para afastar as pessoas de bem da política. Quando o cidadão se afasta do direito de fazer política, ele está abdicando do direito de decidir sobre sua própria vida e deixando que outras pessoas façam isso.

O que faz de algumas cidades brasileiras um lugar tão distante do ideal de sustentabilidade?

Historicamente as cidades se ergueram pela lógica da especulação imobiliária e do interesse da indústria automobilística. Mais avenidas, mais pontes, menos ênfase em transporte coletivo para ter mais carros. Mais prédios ocupando espaços que seriam de lazer e

de cultura. É a lógica do desenvolvimento a qualquer custo.

Como começou o Nossa São Paulo?

Estávamos num momento, no Ethos, onde já era preciso partir para a segunda parte da missão do Instituto, fazer as empresas participarem como parceiras na construção de uma sociedade justa e sustentável. Pensamos em começar com a questão das cidades porque 85% da população brasileira moram em cidades. Chamamos de Nossa São Paulo para mobilizar as pessoas para o pertencimento, para ter o sentimento de que a cidade é nossa e precisamos cuidar dela. Pegamos o exemplo de Bogotá, uma cidade que estava falida e deu a volta por cima, se reergueu. Fomos lá e descobrimos o Bogotá como Vamos, um movimento que trabalha acompanhando a cidade a partir de indicadores.

Então vocês se espelharam em Bogotá?

Decidimos fazer a mais, ou seja, partir para a mobilização social. Constituímos um observatório, com vários voluntários, para fazer pesquisa de percepção. Um grupo de juristas da Rede adaptou e transformou na Lei de Metas, aprovada em 2008 pela Câmara Municipal de São Paulo (aqui no Rio também já foi aprovada), uma emenda à Lei Orgânica do Município, onde o eleito se compromete a fazer um plano de metas 90 dias após a posse tendo que constar nele tudo o que prometeu na campanha e depois prestar contas semestralmente à sociedade. Foi uma grande articulação e pressão para fazer passar na Câmara, mas conseguimos.

O prefeito se compromete. Mas ele cumpre?

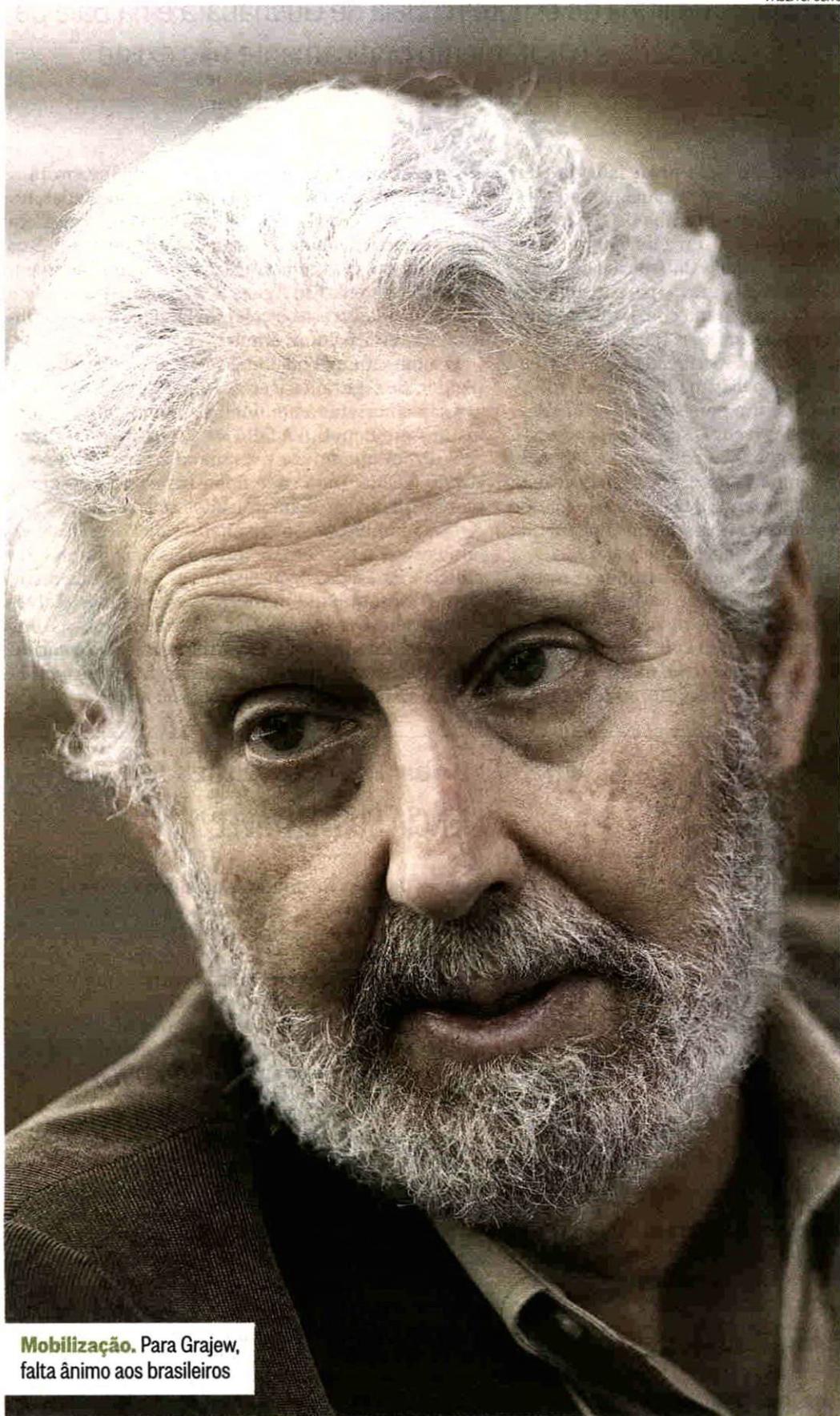
Sei bem que uma coisa é prometer, outra coisa é cumprir. São Paulo não está bem, porque o Kassab (atual prefeito) não levou a sério. Mas a popularidade dele está muito baixa. Kassab só cumpriu 41%, por isso recebeu uma nota 4.1.

O Rio de Janeiro já aprovou essa Lei de Metas, mas pouca gente sabe disso...

Uma coisa é aprovar, outra é se tornar uma cultura política. Depende muito da sociedade, tem que haver pressão. Ao longo da minha história fui construindo relações. Basta ver que a Rede Nossa São Paulo tem hoje cerca de 700 organizações parceiras. São pessoas que ficam por trás me dando apoio, inclusive muitos formadores de opinião. Isso me fez conseguir força social.

O que mais o Nossa São Paulo conseguiu

PAULA SPOSITO



Mobilização. Para Grajew, falta ânimo aos brasileiros

HISTORICAMENTE AS CIDADES SE ERGUERAM PELA LÓGICA DA ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA

Oded Grajew, coordenador do Nossa São Paulo

fazer de relevante para a cidade?

Fizemos um indicador em São Paulo que se chama IRBem. É um índice de referência para avaliar o bem estar da população do município, algo inovador. Nosso grupo de trabalho pegou todos os indicadores que existem pelo mundo e adaptou para a nossa cidade em várias áreas: educação, religião, saúde, família, vida em comunidade, vida amorosa... Isso tudo foi escolhido pela própria população e submetido à pesquisa. Cerca de 40 mil pessoas responderam. Não é um estudo científico, mas o Ibope deu qualidade estatística e os candidatos a prefeito que quiserem podem ter esse estudo em mãos.

Como ele se tornou Programa Cidades Sustentáveis?

Da mesma forma que fizemos com o Instituto Ethos, criando guias para ajudar empresas a serem sustentáveis, decidimos fazer com os municípios, dotando-os de uma espécie de modelo para ser seguido a fim de que eles consigam ser sustentáveis. Baseamos na agenda europeia de municípios sustentáveis, fizemos uma adaptação e a cada item associamos metas.

Como foi feita a divulgação?

Entramos em contato com partidos políticos, pré-candidatos, parceiros, empresas que têm sede em várias capitais, fizemos centenas de eventos e ousamos. Cinco partidos políticos já assumiram o compromisso nacionalmente: Psol, PT, PV, PDT e PPS. Todos os candidatos a prefeito do Rio, por exemplo, já assinaram o compromisso. ●